



DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: A PRESENÇA DE HOMENS NEGROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

Eixo Temático EIXO 06 - CORPO, GÊNERO E EDUCAÇÃO / AXIS

José Erivan Soares¹

RESUMO

O propósito deste artigo é desconstruir diversos preconceitos associados ao papel masculino na Educação Infantil, além de abordar os desafios enfrentados pelo professor do gênero masculino e negro. Assim, evidencia-se que, independentemente do sexo, a prática pedagógica não será modificada nem sofrerá qualquer tipo de dano ou efeito negativo no ambiente escolar. O objetivo é examinar como se dá a integração e a prática pedagógica do pedagogo de gênero masculino e negro na educação infantil, investigar a influência das relações de gênero e raça na atuação profissional, reconhecer as similaridades e as barreiras da prática pedagógica desses profissionais no ambiente escolar.

Palavras-chave: Professor homem, Educação infantil, Gênero, Raça.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade discorrer sobre os preconceitos enfrentados por homens na educação infantil, especialmente quando se trata de homens negros, frequentemente rejeitados nesses ambientes. Também busca abordar os desafios impostos em relação ao gênero e à raça. Nessa perspectiva, procuro analisar os contextos históricos que moldam o ambiente da educação infantil voltado às mulheres (Silva, 2020, 2016; Ramos, 2017; Silva, 2014; Soares, 2022).

Conforme Soares (2022), a educação infantil, historicamente marcada pela presença feminina, ainda carrega estereótipos que afastam os homens desse espaço, em especial os homens negros. A ausência desses profissionais reforça padrões de gênero e raça que impactam tanto a formação das crianças quanto a representatividade no ambiente escolar. De acordo com Silva (2014, p. 147), a presença de homens negros na educação infantil deve ser vista como uma prática de resistência, pois desafia as estruturas racistas e patriarcais que moldam a sociedade.

¹ Doutorando do Curso de Educação da Universidade Federal do Paraná-UFPR, erivansoares1981@gmail.com;



Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), ao apresentar os resultados do Censo Escolar de 2024, reforçam que esses ambientes continuam com predominância feminina. Segundo o censo de 2024, há mais de 2,3 milhões de docentes no Brasil, sendo mais de 1,8 milhões mulheres. Na educação infantil, esse número chega a 99,03% de participação feminina. Esses dados refletem uma lógica social que acredita que o sexo feminino tem mais traquejo para lidar com crianças. Conforme Soares (2022), o espaço da educação infantil prioriza mulheres, que, segundo o imaginário social, carregam traços como docilidade, delicadeza e afetividade — características que, nessa lógica, seriam ausentes nos homens. No contexto racial, o homem negro é visto, segundo Bell Hooks (2022, p. 107), como “bruto, violento e hipermasculino”, o que, aos olhos da sociedade, representa um suposto perigo para crianças pequenas. Este artigo tem como objetivo geral compreender como se dá a integração e a prática pedagógica de pedagogos negros do sexo masculino na educação infantil. Os objetivos específicos são: analisar a influência das relações de gênero e raça na atuação profissional e reconhecer as similaridades e barreiras na prática pedagógica desses profissionais no ambiente escolar.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com abordagem bibliográfica. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica baseia-se na análise de materiais previamente publicados, com o objetivo de construir um referencial teórico consistente sobre o tema. A investigação partiu da análise crítica de produções acadêmicas sobre questões raciais e de gênero em perspectiva interseccional, com foco na presença de homens negros na educação infantil, bem como estudos sobre a construção da masculinidade hegemônica e seus impactos na educação.

Foram utilizados autores como Silva (2014), Soares (2022), que discutem a presença/ausência e as representações de gênero e raça no contexto educacional infantil. A opção pela metodologia bibliográfica decorre da necessidade de compreender, com base teórica consolidada, os avanços e retrocessos em relação à inserção do homem negro na educação infantil. Essa abordagem busca formas de resistência aos estigmas sociais e institucionais históricos.



REFERENCIAL TEÓRICO

A masculinidade hegemônica refere-se ao modelo dominante de ser homem em determinada sociedade, geralmente associado à virilidade, força, racionalidade e distanciamento emocional. Segundo Connell e Messerschmidt (2005), esse ideal cria uma hierarquia entre os homens e reforça a subordinação das mulheres e de outras masculinidades. Na educação infantil, isso marginaliza homens, especialmente os negros, que desafiam estereótipos ao atuar em áreas tradicionalmente femininas. Esses profissionais enfrentam resistências externas, mas também contribuem para redefinir o que é ser homem. A masculinidade hegemônica dita como os “homens de verdade” devem agir: não chorar, vestir azul, ser duros. E se não tiverem essas características? São ridicularizados. Xingamentos como “bicha” e “veado” funcionam como agressões verbais que ferem tanto quanto físicas.

Pesquisas indicam que a sociedade não respeita o professor homem negro, e muitas vezes não o quer cuidando ou educando crianças. A ideia de que as mulheres são naturalmente vocacionadas para o ensino vem do século XIX, quando se associou a educação às obrigações femininas do lar. Louro (1997) mostra que a justificativa da presença feminina na docência baseava-se em qualidades tidas como naturais, como paciência e delicadeza. Quando se trata de homens negros, os desafios são ainda maiores. A sociedade construiu uma imagem racista que associa sua masculinidade à força, violência e marginalização. Assim, a presença de um homem negro na educação infantil é vista com desconfiança por famílias e colegas. No entanto, sua presença é um ato de resistência que combate estereótipos de gênero e raça e enriquece o ambiente escolar.

De acordo com Silva (2014), há um grande preconceito em relação ao homem, agravado quando ele é negro. A naturalização do racismo nas escolas tem barrado o ingresso de professores negros nesses espaços tidos como femininos. Segundo Souza (2010), cresce o número de homens cursando pedagogia e sendo aprovados em concursos para a educação infantil. Porém, Soares (2022) destaca que muitos são alocados em funções administrativas, muitas vezes por não serem aceitos pelos pais ou pela comunidade escolar. Conforme Bárbara Carine (2023), “Por isso a representatividade é tão importante: onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta.”



A presença de professores negros permite que crianças negras tenham referências positivas e fortalece sua autoestima e identidade. Esses educadores podem promover discussões sobre diversidade, equidade racial e histórias afrocentradas, contribuindo para uma formação mais crítica e inclusiva. A presença do homem negro na educação infantil representa uma dupla identidade marcada por preconceitos: por ser homem cuidando de crianças e por seu fenótipo. A interseccionalidade, conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002), permite analisar como diferentes marcadores sociais — raça, gênero, classe — se entrelaçam e geram formas específicas de opressão. A relação entre raça e gênero expõe conflitos que precisam ser debatidos. O modelo dominante de masculinidade afasta os homens do cuidado infantil, enquanto o racismo os exclui de espaços de prestígio, relegando-os à marginalidade no mercado de trabalho. Quando um homem negro escolhe atuar na educação infantil, desafia estereótipos de gênero e raça, tornando-se um agente de transformação social. Segundo Carla Akotirene (2019), a interseccionalidade, mais que uma teoria, é uma forma essencial de compreender os fatores que influenciam a vida desses educadores. Suas histórias, embora marcadas por exclusões, também revelam força e transformação.

A inclusão de homens negros na educação infantil ainda enfrenta diversos obstáculos. O preconceito racial e de gênero, a desconfiança social, os estigmas de que o cuidado infantil é exclusivo das mulheres e a desvalorização da profissão dificultam sua entrada e permanência no campo. É necessário repensar a formação inicial dos educadores, incluindo debates sobre gênero, raça e cuidado na prática pedagógica (Silva, 2014). Políticas como bolsas, cotas e programas de permanência são essenciais para garantir maior diversidade no ensino (Carneiro, 2005). A ausência de educadores negros é reflexo do racismo estrutural, que limita oportunidades e reforça a ideia de que certos espaços não lhes pertencem. Isso afeta diretamente crianças negras, que crescem sem referências positivas. Ter um professor da mesma origem racial fortalece sua autoestima e mostra que podem ocupar qualquer lugar na sociedade. Para crianças brancas, a convivência com professores negros contribui para o fim de preconceitos e a construção de uma sociedade mais inclusiva. A presença do homem negro na educação infantil rompe com lógicas históricas de exclusão e silenciamento, ainda que enfrente barreiras constantes.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação dos recursos bibliográficos selecionados revelou que a inclusão de homens negros na educação infantil ainda é uma realidade incomum, marcada por obstáculos estruturais. A literatura aponta que os estereótipos de gênero e raça continuam sendo barreiras significativas à entrada e permanência desses profissionais em ambientes educativos voltados ao atendimento infantil (Soares, 2022). As reflexões dos autores analisados sugerem que esses homens desafiam não apenas a masculinidade dominante — que associa o cuidado à figura feminina —, mas também a estrutura racista da sociedade, que historicamente nega ao homem negro espaços de afeto, autoridade pedagógica e reconhecimento intelectual. Assim, sua atuação configura-se como uma ação política de resistência e subversão de padrões sociais discriminatórios (Crenshaw, 2002; Carneiro, 2005). Além disso, observou-se que a ausência de representatividade masculina e negra na educação infantil impacta diretamente a construção da identidade de crianças negras, que muitas vezes não se reconhecem em seus professores.

Portanto, a presença do homem negro em sala de aula é relevante não apenas simbolicamente, mas também na prática: amplia horizontes, fortalece vínculos e contribui para uma educação mais equitativa e diversa (Silva, 2014). Outro ponto recorrente nos estudos analisados é o estigma social enfrentado por esses profissionais — inclusive por parte de colegas e famílias — que ainda associam o trabalho com crianças exclusivamente às mulheres. Isso evidencia a urgência de políticas públicas e formação docente que abordem gênero, raça e interseccionalidade, a fim de criar ambientes mais acolhedores e valorizadores da diversidade (Soares, 2022). A inclusão do homem negro na educação infantil não apenas rompe paradigmas, mas também revela possibilidades para reformular a educação com base na igualdade, no afeto e na pluralidade de experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de homens negros na educação pré-escolar deve ser entendida como um ato de resistência que desafia estereótipos de gênero e raça historicamente enraizados na sociedade brasileira.



Sua atuação nesse ambiente, ainda marcado por preconceitos e exclusões, representa uma ruptura com a lógica dominante que associa o cuidado infantil ao gênero feminino e marginaliza o corpo negro. Esses homens, mais do que educadores, tornam-se figuras simbólicas e emocionais para crianças de todas as origens, especialmente para aquelas que raramente se reconhecem em espaços de poder e saber. Sua presença contribui para a construção de uma pedagogia antirracista, plural e democrática, na qual o respeito à diversidade não é apenas um discurso, mas uma prática cotidiana. Dessa forma, é essencial que políticas governamentais e institucionais promovam a inclusão e permanência de homens negros na educação infantil, por meio do reconhecimento profissional, formação continuada e combate a todas as formas de preconceito. A desconstrução de estereótipos exige um esforço coletivo que começa pela valorização da diversidade como potência e da educação como instrumento de transformação social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Heloisa Helena T. de. **Masculinidades e educação infantil**: desafios e Possibilidades. Educação & Sociedade, Campinas, v. 38, n. 139, p. 1037-1055, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2024**: notas estatísticas. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiN2ViNDBjNDEtMTM0OC00ZmFhLWlyZWYtZjI1YjU0NzQzMTJhIiwidCI6IjI2ZjczODk3LWM4YWVtNGIxZS05NzhmLWVhNGMwNzc0MzRiZiJ9>. Acesso em: 15 abril. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado. USP, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOREIRA, Antônio Flávio. **Educação e relações raciais**: velhos problemas, novas perspectivas. Autêntica, 2010.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RAMOS, Joaquim. **Gênero na Educação Infantil**: relações (im)possíveis para professores homens. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SILVA, Claudionor Renato da. Professor homem, negro na escola da infância: reflexões e apontamentos de um iniciante. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v.7, p.125-150. 2011.

SILVA, Claudionor Renato da. **Docência Masculina na Educação Infantil**: impressões de um iniciante – Gênero e Raça em Discussão. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

SILVA, Marciano Antonio da. **Professora sim. Professor também. Tio jamais**: um estudo sobre masculinidades e docência no contexto da educação infantil na região Agreste de Pernambuco. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

SOARES, José Erivan. **Professores negros na educação infantil**: relações entre docência, raça e gênero. Recife: EDUPE, 2022.

SOUZA, M.I. **Homem como professor de creche**: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. 2010.248 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Riberão Preto/USP, Riberão Preto, 2010.